

UMA HIPÓTESE HISTÓRICA — A CACA DO CACHALOTE POR INDÍGENAS CEARENSES

MELQUIADES PINTO PAIVA

O ambergris foi a primeira fonte de riqueza do Ceará, cujo escambo era praticado em escala apreciável pelos indígenas. Tal produto, mais do que qualquer outro, atraiu a presença de traficantes ao nosso litoral. No entanto, a partir do início do século XVIII, os nossos velhos cronistas não mais abordaram o assunto (Brandão, 1883/1887; Salvador, 1889; Abreu, 1930; Câmara, 1956).

A verdadeira natureza do ambergris permanece envolta em relativo mistério. É uma substância semelhante à cêra, de cor marrom escura ou amarela acinzentada, maleável mas não pegajosa, cheirando a almíscar. Apresenta alta solubilidade em solventes orgânicos, sendo um complexo álcool alifático, denominado ambraina, misturado com uma substância oleosa. Na maioria das vezes contém quitina originária de cefalópodos decápodos, principal alimento do cachalote, em cujo intestino é normalmente encontrado (Slijper, 1953).

O cachalote, *Physeter catodon* Linnaeus, é um cetáceo que habita todos os mares e oceanos, principalmente as águas tropicais e subtropicais, entre as latitudes 40°N e 40°S, migrando no verão para as águas do Ártico e da Antártida, com objetivos de reprodução, regressando em direção ao equador durante o inverno. O acasalamento e a parição têm lugar em águas subtropicais e temperadas (Slijper, 1953; Rosa Jr., 1957).

O primeiro desenho de um cetáceo data de 2.200 anos antes de Cristo, tendo sido encontrado em pedras de Rddy, no norte da Noruega. Não é de estranhar que a captura desses animais tenha sua origem nos tempos mais primitivos, durante a Idade da Pedra, se considerarmos que ainda em nossos dias a sua caça é praticada com arpões primitivos. Desde 1.500 anos antes de Cristo que os esquimós praticam a caça de cetáceos (Slijper, 1953).

A caça de baleias e cachalotes, levada a efeito com embarcações primitivas, tendo por base tôscas instalações terrestres, foi um dos

capítulos mais brilhantes da nossa história colonial, não somente no seu aspecto econômico, mas também pela bravura daqueles que a praticavam. Iniciando-se na Bahia, no começo do século XVII, se estendeu em direção ao sul, alcançando o litoral de Santa Catarina. As armações permaneceram em atividade até o século XIX, sendo que apenas algumas conseguiram operar no presente século de nossa civilização (Ellis, 1958; Paiva, 1966).

Atualmente, a caça de baleias e cachalotes no nordeste brasileiro vem sendo realizada ao largo da costa do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco (tabela I), sendo marcadamente estacional, realizando-se desde o fim de maio até o princípio de novembro (Paiva, 1961; Paiva & Grangeiro, 1965).

Pensamos que o antigo escambo de *ambergris*, praticado pelos indígenas do Ceará com traficantes que visitavam o nosso litoral, não se baseava na simples coleta de prala do produto, mas que resultava de uma organizada atividade indígena de caça do cachalote. É esta a hipótese que levantamos no presente trabalho, e que procuraremos justificar a seguir.

O encontro de *ambergris* lançado às praias não é fato comum, de modo a justificar a intensidade do escambo referido pelos cronistas do nosso passado. Por outro lado, aceitando-se a premissa da simples coleta de praia, se torna difícil explicar por que aqueles cronistas não mais mencionam tal escambo, a partir do início do século XVIII.

Não podemos argumentar com um possível desaparecimento do cachalote nas águas costeiras do Ceará. A caça primitiva do cachalote, levada a efeito com pequenas embarcações e em águas próximas das costas, não terminou em virtude da depleção das populações exploradas, o que não aconteceu em relação aos outros cetáceos (Clarke, 1966). Realmente, somente na segunda metade do século XIX, após a descoberta e crescente utilização do canhão-arpão, ainda em uso com as suas características essenciais, é que as populações de cetáceos, em escala mundial, passaram a ser intensamente exploradas.

Também, nos parece impossível aceitar a falta de interesse econômico pela presumida coleta. Ainda hoje, apesar dos produtos sintéticos sucedâneos, o *ambergris* é altamente importante para a indústria de perfumes, alcançando elevado preço no mercado internacional; no passado, o seu valor em peso correspondia ao do ouro (Sljper, 1953; Clarke, 1966).

Sabemos que os índios Teremembés foram os primeiros pescadores cearenses, e que ao tempo do descobrimento ainda dominavam toda a costa do Ceará. Tais índios eram fisicamente muito fortes e nunca se afastavam do litoral; supriam as deficiências de sua técnica valendo-se da inteligência, coragem e prática (Pompeu Sobrinho, 1967).

Levando-se em consideração que povos primitivos, no mesmo nível cultural dos índios Teremembés, praticaram a caça de cetáceos, não é absurda a hipótese de que estes índios também se dedicaram

à caça do cachalote, explicando-se a cessação do escambo de **ambergris**, referido pelos cronistas do nosso passado, pelo extermínio ou desbaratamento da população indígena, ocasionado pelos novos povoadores do Ceará. Esta suposição ainda se reforça em virtude da preferência do cachalote por águas tropicais e costeiras.

Mesmo nos nossos dias, ainda persiste uma marcada influência indígena na nomenclatura vulgar dos animais marinhos em todo o nordeste brasileiro, bem como nas embarcações, aparelhos e métodos regionais de pesca. Muitos peixes marinhos, que vivem em águas que podem ser freqüentadas pelo cachalote, foram conhecidos pelos índios cearenses, que lhes deram denominações apropriadas.

Entre os atuais jangadeiros do Ceará, é comum a referência ao encontro de cetáceos, nas áreas de pesca que exploram com suas primitivas embarcações.

Deixamos aos historiadores cearenses a confirmação ou refutação da hipótese levantada neste trabalho.

Agradecimentos: Somos gratos aos historiadores José Aurélio Câmara e José Bonifácio de Sousa, ambos do Instituto do Ceará, pelas sugestões apresentadas e valiosa ajuda na pesquisa das fontes históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, J. C. — 1930 — **Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil**. Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, Livraria Briguiet, 271 pp., Rio de Janeiro.

Brandão, A. F. — (1883/1887) 1943 — **Diálogos das Grandezas do Brasil**. Edições Dois Mundos Editora Ltda., 317 pp., Rio de Janeiro.

Câmara, J. A. — 1956 — Aspectos do domínio holandês no Ceará. *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 70: 5-36.

Clarke, R. — 1966 — Whale Fisheries. In *Encyclopaedia Britannica*, 23: 555-556, [1] fig.

Ellis, M. — 1958 — Aspectos da pesca da baleia no Brasil Colonial. Coleção da "Revista de História", vol. XIV, 127 pp., São Paulo.

Paiva, M. P. — 1961 — Recursos básicos da pesca marítima no nordeste brasileiro. *Bol. Est. Biol. Mar. Univ. Ceará*, Fortaleza, (3): 1-10.

Paiva, M. P. — 1966 — Relembrando a caça de baleias em Caravelas, Sul da Bahia. *Equipesca Jornal*, Campinas, III (9): [1-2], 7 figs.

Paiva, M. P. & Grangeiro, B. F. — 1965 — Biological investigations on the whaling seasons 1960-1963, off Northeastern coast of Brazil. *Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Ceará*, Fortaleza, 5 (1): 29-64, 44 figs.

Pompeu Sobrinho, T. — 1967 — Algumas notas sobre a hidrografia cearense. *Evolução cultural e perspectivas*. Aspectos, Fortaleza, 1: 57-94.

Rosa Jr., H. — 1957 — *Synopsis of Data on Whales*. Food and Agriculture Organization of the United Nations, 44 pp., 31 tables, [1] + 11 figs., Roma.

Salvador, Frei V. — (1889) 1965 — **História do Brasil (1500-1627)**. Edições Melhoramentos, 527 pp., ilus., São Paulo.

Slijpe, E. J. — (1953) 1962 — **Whales**. Hutchinson & Co. (Publishers), 475 pp., [1] + 229 figs., London.

TABELA I

Baleias e cachalotes abatidos no nordeste brasileiro, no período de 1924 a 1967. De 1929 até 1946 não houve registro das capturas.

Anos	Baleias	Cachalotes	TOTAIS	Anos	Baleias	Cachalotes	TOTAIS
1924	—	—	62	1955	212	1	213
1925	—	—	42	1956	214	3	217
1926	—	—	32	1957	120	2	122
1927	—	—	47	1958	108	5	113
1928	—	—	40	1959	302	10	312
1947	—	—	25	1960	521	1	522
1948	—	—	36	1961	516	5	521
1949	—	—	38	1962	281	4	285
1950	—	—	128	1963	265	7	272
1951	179	—	179	1964	300	4	304
1952	167	1	168	1965	215	14	229
1953	174	1	175	1966	424	24	448
1954	201	1	202	1967	543	20	563

Fonte: Companhia de Pesca Norte do Brasil (COPESBRA).